



“Só me dói morrer se não for de amor.”
Gabriel Garcia Marques – O amor nos tempos do Cólera

O Amor e a Falta: Freud, Lacan e a Literatura

Graciane Di Mario Eckermann¹
Marjorie Pelik Kempe Camargo²

Resumo

O presente artigo explora a relação entre amor e falta a partir das perspectivas psicanalíticas de Freud e Lacan, conectando essas concepções às representações literárias do amor. Por meio da análise de obras como *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Romeu e Julieta* e *Madame Bovary*, entre outros personagens, investiga-se como a idealização, a impossibilidade e a pulsão de morte moldam as experiências amorosas. O amor, longe de ser plenitude e completude, revela-se sustentado pela ausência, pelo desejo sempre incompleto e pela fantasia.

Palavras chaves: Amor e falta; Psicanálise; Literatura; Idealização; Impossibilidade.

Introdução

O amor, longe de ser uma experiência de plenitude e completude, revela-se como um fenômeno sustentado pela ausência, pelo desejo nunca plenamente satisfeito e pela idealização. A psicanálise, especialmente através das reflexões de Freud e Lacan, permite compreender essa dinâmica, mostrando que o amor não entrega o que promete, mas persiste precisamente por sua impossibilidade. Ao longo deste estudo, examina-se a conexão entre amor e falta, relacionando-a às representações literárias presentes em obras como *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Romeu e Julieta*, *Madame Bovary* e outros personagens da literatura clássica. Nessas narrativas, observa-se como o desejo se constrói sobre a impossibilidade e como a pulsão de vida e a pulsão de morte moldam as experiências amorosas, fazendo do amor não apenas um sentimento, mas também uma estrutura marcada pela idealização e pelo vazio.

Os clássicos da literatura mundial, possibilitam, ao retratar histórias de amor marcadas pela ausência, não apenas ilustrar a dinâmica psíquica do desejo, mas também oferecem um campo fértil para a aplicação das teorias psicanalíticas. Pelos preciosos estudos de Freud e Lacan, compreende-se que o sujeito não ama um objeto real, mas sim um objeto construído

¹ Graduanda do curso de Psicologia da UNIFATEB. Email: gra.psicanalise@gmail.com

² Docente do curso de Pedagogia da UNIFATEB. Email: mpkcamargo@gmail.com



pelo desejo, sempre distante e inacessível. Essa falta fundamental é o que sustenta o amor, garantindo sua permanência na idealização e no deslocamento constante.

Freud introduz o conceito de “*Das Ding*”¹ (*A Coisa*) no *Projeto para uma Psicologia Científica* e, 1895 (*Projeto para uma Psicologia Científica*. 1996, v. 1, p. 337), para definir aquilo que o sujeito busca incessantemente, mas que permanece irrepresentável. Num dos casos, de personagens em tela, Heloísa em suas cartas para Abelardo, se observa como uma tentativa de capturar *A Coisa* através da linguagem, transformando sua dor e desejo em um espaço simbólico onde o amor persiste além da realidade concreta.

Quanto a Lacan, ele retoma o assunto no seu *Seminário 7 – A Ética da Psicanálise (1959-1960)*, o que amplia essa discussão, buscando no conceito de “objeto a”², aquilo que origina o desejo, mas não pode ser plenamente atingido. O amor de Heloísa e Abelardo reflete essa estrutura, pois a impossibilidade da realização plena do vínculo faz com que ele se prolongue na escrita, convertendo-se em um amor eterno sustentado pela falta. De tal forma, que o desejo não é satisfeito, mas mantido em movimento justamente por sua impossibilidade. Na literatura, esse processo pode ser identificado em personagens que vivem amores impossíveis, sustentados por cartas, lembranças e projeções subjetivas.

Dentro dessa perspectiva, a escrita surge como um meio de inscrição do desejo no simbólico, permitindo que o amor se perpetue além da realidade concreta. Heloísa, ao escrever para Abelardo, transforma sua dor e seu desejo em palavras, dando forma ao que, no Real lacaniano³, permanece como falta e impossibilidade. Assim, ao analisar narrativas literárias à luz da psicanálise, percebe-se como o amor se manifesta não apenas como sentimento, mas como estrutura que oscila entre o desejo e a renúncia, entre a idealização e a perda, sustentando-se na impossibilidade da plenitude.

Para a personagem Emma Bovary há a idealização do amor como uma força arrebatadora e romântica, mas sua busca pela paixão plena revela-se frustrada, pois nunca encontra no mundo real aquilo que sua fantasia construiu. Em Lacan, igualmente, essa impossibilidade compreende-se pelo a partir do conceito de “*objeto a*”, o elemento que causa o desejo, mas que nunca pode ser plenamente alcançado. Emma não ama um homem real, mas sim um significante, uma imagem idealizada de um amor absoluto que jamais se concretiza. Assim, sua trajetória reflete a tensão descrita por Lacan no *Seminário 20 – Encore - Mais, ainda - (1972-1973)*, termo francês que remete à homofonia com “*en corps*” (no corpo)⁴, em que se



discute a busca irrealizável pela fusão entre amantes, onde ele questiona se Eros seria a "tensão para o Um", ou seja, a busca por uma fusão total entre os amantes. Encore,

Do que é que se trata então no amor? O amor, será que – como promove a psicanálise com uma audácia tanto mais incrível quanto isto mais vai contra toda a sua experiência, e quanto mais ela demonstra o contrário – o amor, será que é fazer um só? Eros, será ele tensão para o Um?" (Lacan, 1985, p. 14)

Já em *O Morro dos Ventos Uivantes*, a relação entre Heathcliff e Catherine ilustra uma tentativa extrema de ultrapassar os limites do desejo e alcançar a completude. Heathcliff não aceita a separação imposta pelas circunstâncias e, ao longo de toda a narrativa, sua paixão por Catherine transcende o tempo e a morte. No entanto, seguindo o pensamento lacaniano, essa fusão nunca se concretiza, pois o amor se sustenta na falta e na impossibilidade. O conceito de das Ding (*A Coisa*) é relevante aqui, pois Heathcliff deseja Catherine como algo irrecuperável, algo que ele persegue sem jamais poder alcançar plenamente. Sua obsessão pela memória de Catherine demonstra que o desejo persiste apesar da ausência, e não por causa da presença.

No Seminário 20 de Lacan - sobre a ilusão do amor como unidade leva à compreensão como tais personagens se relacionam com a falta e o desejo impossível. A literatura, ao expor essas dinâmicas, reforça que o amor não é sobre alcançar o outro por completo, mas sobre sustentar-se na ausência e no deslocamento constante do desejo.

Em especial sobre o amor, com Gabriel Garcia Márquez, uma frase que reflete o desejo impossível e persistente é a do personagem de Florentino Ariza, protagonista de *O Amor nos Tempos do Cólera*, "Só me dói morrer se não for de amor" (Márquez, 2019, p. 88). Essa declaração encapsula sua obsessão amorosa por Fermina Daza, que perdura por mais de cinquenta anos, sustentada pela ausência e pela impossibilidade da relação. Florentino jamais desiste de buscar esse amor, mesmo diante da rejeição e da passagem do tempo, o que se alinha à ideia lacaniana de que o desejo se mantém porque nunca se realiza completamente.

Desde as primeiras linhas da narrativa, Florentino Ariza idealiza a mulher Fermina Daza como um objeto de desejo inacessível, sustentado pela distância e pela impossibilidade da relação. Essa estrutura remete também ao conceito "objeto a", aquilo que causa o desejo, mas que nunca pode ser plenamente alcançado. Florentino não ama Fermina como um sujeito real, mas sim como um significante, uma imagem de mulher idealizada que ele constrói ao longo dos anos. A recusa de Fermina, ao retornar de sua viagem e perceber que o amor juvenil era apenas uma ilusão, reforça a ideia de que o desejo se mantém porque nunca se realiza completamente, "O amor é ridículo. Você não é o mesmo, nem eu sou a mesma" (Márquez,



2019, p. 252). Esse mecanismo pode ser relacionado ao conceito freudiano de *das Ding* (*A Coisa*), que representa o objeto primordial do desejo, algo que o sujeito busca incessantemente, mas que permanece irrecuperável.

A Espera e a Inscrição do Desejo na Linguagem

A Ilusão do Amor como Unidade

Florentino Ariza sustenta seu amor por Fermina através da escrita, enviando cartas e mantendo vivo o vínculo simbólico entre eles. Esse processo, conforme Lacan é a própria cadeia significante, onde o desejo se inscreve na linguagem e se perpetua na ausência. Assim como ocorre nas *Cartas de Heloísa e Abelardo*, a escrita se torna um espaço onde o amor persiste além da realidade concreta. A espera de Florentino por Fermina, que dura mais de cinquenta anos, pode ser vista como uma forma de gozo na falta, onde o sofrimento e a idealização sustentam o desejo. Esse amor não se concretiza plenamente, mas se mantém vivo justamente por sua impossibilidade.

No Seminário 20 – *Encore*, Lacan questiona se o amor seria uma “tensão para o Um” (Lacan, 1985, p. 14), ou seja, uma busca pela fusão absoluta entre os amantes. Florentino Ariza acredita nessa ideia, espera por décadas para finalmente se unir a Fermina. Entretanto, quando esse momento chega, o amor que ele idealizou não corresponde à realidade. Fermina, por sua vez, não compartilha da mesma obsessão, pois sua vida seguiu outro curso. Nessa perspectiva, *O Amor nos Tempos do Cólera* elucida como o desejo se estrutura na ausência e na impossibilidade, reforçando a ideia de que o amor não é sobre alcançar o outro na completude, mas sobre sustentar-se na falta e no deslocamento constante do desejo.

O estudo da relação entre amor e falta, sob a perspectiva da psicanálise e da literatura, permite compreender como o desejo amoroso se estrutura na ausência e na impossibilidade. Freud e Lacan evidenciam que o amor não corresponde às expectativas que gera, sendo alicerçado na idealização e na falta de completude. Ao analisar obras literárias como *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Romeu e Julieta*, *Dom Quixote*, *Tristão e Isolda*, *Anna Karenina*, *As Mil e Uma Noites*, *O Amor nos Tempos do Cólera*, *O Grande Gatsby*, *Madame Bovary* e as *Cartas de Heloísa e Abelardo*, percebe-se que essa dinâmica é essencial para a construção de narrativas amorosas marcadas pelo desejo e pela frustração. Assim, este artigo busca aprofundar a reflexão sobre o amor como fenômeno psíquico e literário, confirmando



suas contradições e sua permanência através da falta. Como bem sintetizou Jacques Lacan "O amor é dar o que não se tem a alguém que não o quer" (Lacan, 1975, p. 65).

Metodologia

Este artigo adota uma abordagem interdisciplinar, combinando teoria psicanalítica e análise literária para investigar a relação entre amor e falta. Para tanto, fundamentamo-nos nos princípios de Freud e Lacan, sobretudo no que concerne à idealização, ao anseio e à inviabilidade da plenitude amorosa. A pesquisa será fundamentada em uma revisão bibliográfica das obras *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Romeu e Julieta* e *Madame Bovary*, além de outros textos que dialogam com a temática. A análise será conduzida por meio de uma leitura crítica dessas narrativas, buscando identificar como o amor é representado, suas tensões e suas relações com os conceitos psicanalíticos.

A fundamentação da presente abordagem metodológica, se alicerça nas referências de Ivani Fazenda (2008), uma das principais teóricas da interdisciplinaridade, e Yves Lenoir (1998), que também contribui significativamente para essa discussão⁵. Além disso, para a revisão bibliográfica, buscou-se em Botelho et al. (2011), que apresenta uma subdivisão dos métodos de revisão bibliográfica, incluindo revisão sistemática, meta-análise, revisão integrativa e revisão qualitativa.

O Amor Literário aos olhos da Psicanálise

O amor, segundo Freud, está intimamente ligado à identificação, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, ele, como pesquisador que é, indaga como o indivíduo se constitui a partir de identificações com figuras parentais e com o grupo. A identidade, portanto, não é estática, mas um processo constante de formação e projeção. No amor, essa dinâmica se intensifica - amamos não o outro em sua essência, mas aquilo que ele representa para nós, aquilo que espelha nossos próprios ideais - "... a identificação é a primeira forma, e a mais primitiva, de ligação emocional com um objeto". (Freud, 1990, p. 45).

Em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, Goethe apresenta um protagonista que vive o amor de forma intensa e trágica, justamente porque ele não ama Charlotte como ela é, mas como um reflexo de seu próprio ideal. Segundo Goethe (1774), quando Werther diz: "...Eu me amo, eu me amo, quando ela me ama... Tenho tanta coisa, mas sem ela tudo para mim é como se



nada existisse.” (1994, p. 51) ele revela a dinâmica da identificação freudiana, ou seja, o amor não é apenas direcionado ao outro, mas à imagem que projetamos nele.

Este trecho exemplifica a teoria freudiana sobre a identidade e a identificação no amor. Werther não busca apenas ser amado, mas ser amado como ele idealiza a si mesmo. Isso reforça a ideia de que o amor não entrega o que promete, pois ele se sustenta na falta e na projeção. Assim como em Lacan, Werther não encontra uma relação plena, mas sim um desejo que se alimenta da impossibilidade.

Lacan, no Seminário 20, de maneira subversiva afirma que “não há relação sexual”, “Não há relação sexual porque não há escrita da relação sexual.” (Lacan, 1985, p. 59). O que ele quer dizer com isso? Que não existe uma complementaridade perfeita entre os parceiros, pois o desejo sempre se estrutura na falta. O amor promete plenitude, mas nunca a entrega. Ele continua existindo precisamente porque não consegue concretizar o que promete. Amamos na ausência, na impossibilidade, na idealização.

Essa concepção do amor pode ser vista em diversas obras da literatura clássica. Podemos encontrar alguns exemplos:

Dom Quixote e Dulcineia (*Dom Quixote*, de Cervantes): O cavaleiro projeta em Dulcineia um ideal de amor que não corresponde à realidade. Ele não ama a mulher real, mas a imagem que construiu dela. Seu amor é sustentado pela falta, pela impossibilidade de consumação. Na obra *Dom Quixote*, Cervantes retrata a construção idealizada de Dulcineia, chamava-se Aldonza Lorenzo, e a esta lhe pareceu ele por bem dar-lhe o epíteto de senhora dos seus pensamentos [...] veio a chamar-lhe 'Dulcinea del Toboso' porque era natural de Toboso.” (Cervantes, 2013, p. 44). Dom Quixote, ao se apaixonar, não o faz por uma mulher concreta, mas por uma figura idealizada criada por sua imaginação.

Jay Gatsby e Daisy Buchanan (*O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald): Gatsby idealiza Daisy como a mulher perfeita, mas seu amor é baseado em uma imagem do passado que nunca poderá ser recuperada. Ele não ama Daisy como ela é, mas como ele gostaria que ela fosse. Em *O Grande Gatsby*, Fitzgerald escreve: “Devia ter havido momentos, mesmo naquela tarde, em que Daisy ficara muito aquém de seus sonhos — não por culpa dela, mas devido à enorme vitalidade da ilusão que ele alimentara.” (Fitzgerald, 2011, p. 111). Gatsby não ama Daisy como ela é, mas como ele gostaria que ela fosse sustentando seu amor na falta e na idealização.



Heathcliff e Catherine (*O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë): O amor entre eles é marcado pela impossibilidade e pela destruição. Catherine casa-se com outro, mas Heathcliff nunca deixa de amá-la, pois seu desejo é alimentado pela ausência e pela impossibilidade de realização plena. Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, Catherine declara “Casar-me com Heathcliff agora me degradaria; por isso, ele nunca vai saber quanto eu o amo; e o amo não por ele ser bonito, Nelly, mas por ele ser mais eu do que eu própria sou.” (Brontë, 2017, p. 86). O trecho corrobora a impossibilidade do amor pleno entre Catherine e Heathcliff, sustentado pela ausência e pela destruição.

Esses personagens ilustram a tese lacaniana de que o amor não entrega o que promete. Ele se sustenta na falta, na idealização, na impossibilidade de complementaridade. Ama-se não o outro, mas aquilo que se projeta nele. E essa projeção é construída a partir de nossa própria identidade, de nossos modelos culturais e afetivos.

O amor, então, não é um encontro entre dois seres completos, mas um jogo de espelhos, uma busca infinita por algo que nunca pode ser plenamente alcançado. E talvez seja justamente essa impossibilidade que o torna tão irresistível.

Já em Shakespeare, o amor de Romeu e Julieta apresenta um percurso diferente daquilo que Freud e Lacan analisam como a dinâmica da falta no amor. Em vez de ser sustentado pela impossibilidade e pela projeção do próprio ideal no outro, como visto em *Dom Quixote* ou *Gatsby*, o amor deles segue um caminho que culmina na tragédia não pela ausência, mas pela urgência.

A Tragédia do Amor Pleno e a Falta da Continuidade

Se, conforme Lacan, o amor perdura justamente por nunca cumprir suas promessas, o caso de *Romeu e Julieta* se distingue, pois há um anseio genuíno de plenitude, quase instantâneo. Eles não se fundamentam na ausência, mas na premência da realização. A necessidade de realização do amor rompe a estrutura da falta que sustenta o desejo e empurra os amantes para o risco extremo.

Freud sugere que a dinâmica psíquica é regida por dois impulsos antagônicos: Eros, a força vital que promove a conservação, a geração e o vínculo; e Tânatos, a tendência destrutiva associada ao fim, que tende à destruição, ao isolamento e à dissolução. No amor, essas forças



estão sempre em tensão, o desejo de fusão e continuidade se choca com a impossibilidade da completude. Segundo Freud, “O objetivo de toda a vida é a morte.” (Freud, 1976, p. 45).

A mitologia grega ilustra essa dualidade na história de Eros e Tântatos⁸. Quando Eros repousa na caverna, suas flechas se entrelaçam com os dardos fatais de Tântatos. Isso simboliza a interdependência entre amor e destruição: o mesmo impulso que nos leva a amar também pode nos conduzir ao sofrimento e à perda.

Romeu e Julieta tentam escapar da “falta” ao buscar uma fusão absoluta. Mas, ao negar a impossibilidade do amor pleno, eles se condenam. A pulsão de vida os impulsiona ao encontro, mas a pulsão de morte os leva à destruição quando percebem que a realidade não permite sua união, “Meu único amor nasceu do meu único ódio! Tarde demais o conheci, tarde demais o amei!” (Shakespeare, 2014, p. 54).

É possível pensar que o amor entre eles não é idealizado a partir de um modelo interno ou cultural profundamente enraizado, como Freud sugere na identificação. Ao contrário, nasce do encontro súbito e avassalador, guiado por uma paixão impulsiva. É um amor que não tolera obstáculos; se a ausência é essencial para a permanência do sentimento, a relação deles não se encaixa nessa lógica, pois almeja a realização imediata, sem concessões. E, ao se deparar com a impossibilidade imposta pelas circunstâncias externas, entra em curto-circuito, levando à morte.

Se comparar o contexto com a teoria lacaniana, pode-se dizer que Romeu e Julieta tentam escapar da lógica da falta ao buscar uma fusão absoluta. Mas é justamente essa tentativa que os condena. Porque na visão de Lacan, não há complementaridade perfeita. Nenhum indivíduo pode completar o outro. A promessa de plenitude é um engano do amor⁹. E Romeu e Julieta, por não conseguirem coexistir dentro dessa impossibilidade, chegam ao desfecho trágico.

Considerando outros exemplos da literatura, é plausível comparar *Romeu e Julieta* com narrativas em que o amor se mantém na ausência e se perpetua.

Tristão e Isolda – Assim como os jovens de Verona, *Tristão e Isolda* vivenciam desafios impostos por forças externas. No entanto, o amor deles se sustenta na impossibilidade, no desejo que nunca é plenamente satisfeito, o que os torna símbolos de um amor infinito, que atravessa o tempo “O amor verdadeiro é uma chama que nem o tempo pode apagar” (Tristão e Isolda, 2002, p. 47) fala de Tristão que reflete a ideia de que o amor entre o casal persiste apesar



das barreiras externas, sustentado pela impossibilidade e pelo desejo nunca plenamente satisfeito.

Madame Bovary – Emma Bovary busca a paixão arrebatadora, mas seus relacionamentos falham porque ela não compreende que a estrutura do amor envolve idealização e projeção. Diferente de Romeu e Julieta, que morrem antes de enfrentar o esvaziamento do amor, Emma vive para sofrer com o descompasso entre expectativa e realidade. Do livro retiramos, “O amor, conforme acreditava, devia chegar de repente, com grandes tumultos e fulgurações – furacão dos céus que desaba sobre a vida, transtorna-a, arranca as vontades como folhas e arrasta o coração inteiro para o abismo.” (Flaubert, 2011, p. 78). Emma Bovary idealiza o amor como uma força arrebatadora, mas sua busca por essa paixão a leva ao sofrimento, pois a realidade nunca corresponde à sua fantasia.

Anna Karenina – Anna, como Julieta, desafia as convenções para viver o amor plenamente. Mas enquanto Julieta morre antes de enfrentar as consequências do amor fora das normas, Anna vive para encarar a solidão e a perda, culminando em sua tragédia pessoal. Uma reflexão de Tolstói, “Se há tantas cabeças quantas são as maneiras de pensar, há de haver tantos tipos de amor quantos são os corações” (Tolstói, 2017, p. 371) representa a diversidade das manifestações do amor e sua subjetividade, algo que Anna Karenina experimenta ao desafiar as convenções e viver sua paixão, mas que, ao final, a conduz à tragédia.

Trazer à baila Romeu e Julieta e os demais personagens, permite pensar nas pulsões de vida e morte, entender que a dupla de Shakespeare, em sua busca de um amor absoluto, revela uma outra face da dinâmica amorosa: quando se tenta ignorar a falta e realizar plenamente o desejo, o destino pode se tornar fatal. O que Lacan sugere com “não há relação sexual” não é que o amor é impossível, mas que ele se sustenta naquilo que falta, posto que, no caso dos amantes de Verona, essa falta foi negada, levando ao colapso (Lacan, 1985, p. 59).

O Amor e a Fantasia em *As Mil e Uma Noites*

A estrutura da obra já razoabiliza uma pista sobre a relação entre amor e falta, Xerazade mantém-se viva ao contar histórias que nunca se completam, sempre deixando algo em aberto para continuar na noite seguinte. Isso reflete a lógica lacaniana do desejo, logo, o amor persiste porque nunca entrega tudo, porque sempre há algo a ser buscado.



Xerazade e Xariar – O rei, traumatizado pela traição de sua esposa, decide nunca mais confiar em uma mulher. Mas Xerazade, ao contar histórias, cria um espaço onde o desejo pode existir sem ser plenamente satisfeito. Ela não se entrega completamente, mas mantém Xariar interessado, adiando a conclusão e, assim, sustentando o amor na falta. Percebe-se, por exemplo, no seguinte contexto para Xerazade, que busca evitar sua execução, “Mas a aurora já despontava, e eu não poderia continuar a contar esta história sem que Vossa Majestade me concedesse mais uma noite de vida.” (As Mil e Uma Noites, 2005, p. 37), o trecho em destaque demonstra que o desejo e a sobrevivência de Xerazade estão ligados à continuidade da narrativa, jamais à sua conclusão. Tal como no amor sustentado pela falta, a história se prolonga porque nunca alcança um desfecho definitivo.

Aladim e a Princesa Badroulbador – Aladim, um jovem humilde, conquista a princesa com a ajuda da lâmpada mágica. Mas seu amor não nasce de uma relação genuína, e sim da idealização e do poder que ele exerce sobre o mundo. Ele não ama a princesa como ela é, mas como um símbolo de sua ascensão e realização pessoal. Quando Aladim avista a princesa pela primeira vez, ele se encanta profundamente e proclama: “A princesa entrou no balneário, e Aladim ficou onde estava por alguns instantes, extasiado, lembrando e imprimindo na lembrança a figura que lhe encantara o coração.” (As Mil e Uma Noites, 2019, p. 45), passagem que comprova como Aladim percebe a amada, não vê a princesa como uma pessoa real, mas sim como um emblema de sua conquista e status.

Ali Baba e Morgiana – Morgiana, a escrava astuta, salva Ali Baba diversas vezes, mas seu papel no amor é ambíguo. Ela não é uma amante tradicional, mas uma figura que age nos bastidores, garantindo a sobrevivência do protagonista. Seu amor, se existe, é construído na ação e não na completude. Morgiana, ao resgatar Ali Babá, evidencia sua perspicácia e lealdade “Morgiana, percebendo o perigo, não hesitou. Com sua inteligência e coragem, garantiu que seu mestre permanecesse vivo.” (As Mil e Uma Noites, 2019, p. 123), esse recorte do livro em análise demonstra o papel de Morgiana nos bastidores, assegurando a proteção de Ali Baba sem se encaixar na figura convencional de amante.

Pulsão de morte X Pulsão de Vida

Ao contrário de *Romeu e Julieta*, que almejam a realização plena de forma imediata e encontram um desfecho trágico, os protagonistas de *As Mil e Uma Noites* habitam um universo



onde o anseio se mantém pela fantasia e pela impossibilidade¹⁹, “Mas a aurora já despontava, e eu não poderia continuar a contar esta história sem que Vossa Majestade me concedesse mais uma noite de vida.” (As Mil e Uma Noites, 2019, p. 29). Xerazade sobrevive porque nunca conclui suas histórias. Aladim ama um ideal, não uma pessoa real. Ali Babá conta com Morgiana sem se dar conta do valor essencial que ela representa.

A dualidade de Eros e Tânatos, Pulsão e Vida e Pulsão de Morte, conceituadas por Freud, se encaixa perfeitamente na tragédia de *Romeu e Julieta*. Assim como as flechas douradas e de chumbo representam o amor e a aversão, Romeu e Julieta vivem um amor intenso e inevitável que, ao mesmo tempo, os conduz à destruição. O próprio contexto da peça sugere que o amor não pode existir sem sua contraparte, o ódio entre as famílias Montague e Capuleto, ou seja, não conhece o verdadeiro amor quem dele não obtém, ao mesmo tempo o ódio. Uma citação que sobressai e impacta no Livro de Shakespeare, em *Romeu e Julieta* e reflete essa dualidade entre amor e ódio é, “Meu único amor nasceu do meu único ódio! Tarde demais o conheci, tarde demais o amei!” (Shakespeare, 2014, p. 78). Essa declaração de Julieta sintetiza o conflito entre Eros e Tânatos, evidenciando a conexão entre amor e ruína na tragédia. O vínculo entre Romeu e Julieta nasce em meio à hostilidade entre suas famílias, tornando-se simultaneamente inescapável e letal.

Essa passagem simboliza a interdependência entre amor e destruição, reforçando a conexão com Eros e Tânatos. Assim, *Romeu e Julieta* não apenas ilustram o conflito psicanalítico entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, mas também dialogam com mitos antigos sobre o desejo e sua impossibilidade de ser plenamente realizado

Na *Teogonia* de Hesíodo, Eros é descrito como uma força primordial que une todas as coisas, permitindo o surgimento do cosmos. Em *Romeu e Julieta*, o amor entre os protagonistas surge como uma força irresistível, mas, ao contrário da criação, ele não traz continuidade, leva ao fim trágico dos amantes. O desejo de fusão absoluta, sem reconhecer a falta, empurra Romeu e Julieta para a morte, como se fossem atingidos pelas flechas de Eros e de Tânatos simultaneamente.

Isso nos leva à questão central: o amor precisa da falta para existir? Em *As Mil e Uma Noites*, a resposta parece ser sim. O desejo persiste justamente por nunca se concretizar plenamente.



Werther, Pulsão de Morte e Princípio da Realidade

Já em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, Goethe, a famosa frase de Werther “Eu me amo, eu me amo, quando ela me ama” (Goethe, 1994, p. 51) reflete essa dinâmica. Ele não ama Charlotte como ela é, mas como um reflexo de seu próprio ideal. Quando percebe que esse amor não pode ser plenamente correspondido, sua pulsão de morte se intensifica, levando-o ao desfecho trágico. Werther não consegue lidar com o Princípio de Realidade, que impõe limites ao desejo e à idealização. Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), ele escreve: “[...] O princípio do prazer é substituído pelo princípio da realidade. Em vez de buscar a satisfação imediata, o indivíduo aprende a tolerar a demora e a modificar seus desejos conforme as exigências do mundo externo.” (FREUD, 1976, p. 17-18)

O texto de Freud se relaciona diretamente com Werther, que não consegue lidar com essa transição. Ele permanece preso ao princípio do prazer, recusando-se a aceitar que seu amor por Charlotte não pode ser plenamente correspondido. A frustração gerada por essa impossibilidade intensifica sua pulsão de morte, levando-o ao desfecho trágico.

O amor, como Freud e Lacan sugerem, não pode entregar tudo o que promete. Ele se sustenta na falta, na idealização e na impossibilidade de completude. A mitologia, a literatura e a psicanálise convergem para mostrar que Eros e Tânetos estão sempre entrelaçados, amar é também lidar com a perda, com o limite e com a impossibilidade.

O Amor e a Tragédia: Abelardo e Heloísa

Pedro Abelardo, um dos maiores filósofos do século XII, e Heloísa, uma jovem extremamente culta e inteligente, viveram um amor intenso e proibido. No entanto, esse amor foi brutalmente interrompido quando Abelardo foi castrado pelo tio de Heloísa. A partir desse evento, ambos se retiraram para a vida monástica, mas continuaram trocando cartas apaixonadas até o fim de suas vidas.

A Impossibilidade da Relação Sexual em Lacan

Lacan afirma que “não há relação sexual” porque o desejo nunca encontra uma complementaridade perfeita. Como bem coloca Lacan “Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual.” (Lacan, 1985, p. 59). Essa



afirmação reforça a ideia de que a relação sexual não pode ser plenamente simbolizada, o que se conecta diretamente à impossibilidade vivida por Abelardo e Heloísa.

O amor deles persiste na falta e na idealização, sustentado pela impossibilidade de uma união concreta. Certamente que no caso de Abelardo e Heloísa, essa impossibilidade se manifesta de forma extrema: a castração física de Abelardo simboliza a ruptura definitiva da relação amorosa e sexual. No entanto, o amor entre eles persiste, sustentado pela falta e pela idealização. Heloísa continua amando Abelardo não como um homem real, mas como um símbolo de sua paixão e de sua entrega absoluta.

Pulsão de Vida e Pulsão de Morte – do casal Abelardo e Heloísa

O amor entre Abelardo e Heloísa também pode ser visto como um conflito entre Eros (pulsão de vida) e Tânatos (pulsão de morte). No início, há um desejo intenso de união, de fusão amorosa e intelectual. No entanto, a violência imposta por Fulberto (o tio de Heloísa) transforma esse amor em uma experiência marcada pela perda e pelo sofrimento. A pulsão de morte se manifesta na separação forçada e na renúncia à vida conjugal, mas, paradoxalmente, o amor continua vivo através das cartas e da memória. Uma das cartas de Heloísa, onde ela expressa a dor da separação e a impossibilidade do amor pleno, encontramos “De todos os infortúnios, o maior foi perder-te. A dor da separação é mais cruel do que qualquer sofrimento físico.” (Heloísa, 2013, p. 75). A parte destacada da carta, ilustra como a separação forçada imposta por Fulberto transformou o amor deles em uma experiência marcada pela perda e pelo sofrimento, reforçando a ideia da pulsão de morte. No entanto, o amor persiste através da escrita, tornando-se eterno na memória, um reflexo da impossibilidade da relação plena.

Aqui salutar e propício trazer à luz os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário que representam os pilares essenciais da teoria de Lacan. Esses registros não existem de forma isolada, mas se entrelaçam e se interconectam, compondo a estrutura da vida psíquica do sujeito. Cada uma dessas dimensões exerce um papel fundamental na constituição do indivíduo, na maneira como ele percebe o mundo e na forma como se integra às relações sociais.

O Imaginário refere-se ao domínio das imagens, das identificações e da constituição do ego. Está ligado ao “Estágio do Espelho”, momento no qual a criança reconhece a própria imagem e constrói uma identidade a partir desse reflexo, projetando-se e criando relações tanto de fascínio quanto de rivalidade. No contexto de Abelardo e Heloísa, o Imaginário manifesta-



se na paixão inicial, na idealização mútua e na percepção do outro como objeto de completude e desejo: ambos se veem como figuras perfeitas e projetam um amor que desafia a realidade imposta pela sociedade.

O Simbólico é o registro da linguagem, das normas sociais, culturais e da lei. O sujeito só se constitui plenamente ao inserir-se nesse universo de significantes, regras e interdições, mediado pelo que Lacan denomina “o Outro”. No caso de Abelardo e Heloísa, o Simbólico se expressa através das normas religiosas e sociais que condenam o relacionamento proibido, do casamento secreto, da intervenção brutal do tio e, posteriormente, por meio da vida monástica e das cartas trocadas, nas quais tentam simbolizar e reinscrever seu amor no campo da palavra.

O Real é aquilo que escapa à simbolização, ao registro das imagens e das palavras, sendo sempre uma experiência traumática ou impossível de ser plenamente representada. É o inassimilável, o que retorna como uma lacuna no universo simbólico do sujeito. No drama de Abelardo e Heloísa, o Real surge de modo contundente no trauma da castração, evento que não se resume às palavras ou à imaginação, marcando ambos com uma perda irreversível e uma ausência que nenhuma linguagem ou idealização é capaz de reparar.

Assim, a história dos dois amantes pode ser lida, sob a lente lacaniana, como um entrelaçamento dessas três dimensões: a intensidade do desejo e da idealização (Imaginário), a dura intervenção das leis e normas sociais (Simbólico) e o trauma irrepresentável da castração e separação definitiva (Real).

Lacan e a Inscrição do Desejo na Linguagem

Lacan enfatiza que o desejo nunca se expressa diretamente, mas sim através de significantes. No caso em pauta, Heloísa escreve suas cartas usando-as como um espaço onde seu amor por Abelardo se inscreve, não apenas como um sentimento, mas como um jogo de significantes que estruturam sua subjetividade. Importante lembrar que o significante é o elemento que desliza na cadeia simbólica, sem um significado fixo, enquanto o significado nunca é plenamente alcançado, pois está sempre em movimento dentro da estrutura da linguagem. Logo, o que Heloísa escreve tem para ela um conjunto de significantes que ao destinatário, talvez, não entenda como realmente a emitente quis expressar, posto que, Abelardo, como todo destinatário têm os seus próprios significantes e significados, já que não



há literalidade nas palavras quando se fala em inconsciente – contudo há, limites onde ancorar, que na sequência será tratado.

Em 2 Seminários de Lacan, especialmente no Seminário 2 (*O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*, 1954-1955) e no Seminário 3 (*As Psicoses*, 1955-1956), ele aprofunda a relação entre linguagem e subjetividade, destaca-se um trecho relevante do Seminário 2, onde ele diz: “*O inconsciente é estruturado como uma linguagem.*” (Lacan, 1987, p. 224). Isso significa que o amor de Heloísa, ao ser pronunciado nas cartas, não é apenas um sentimento, mas uma estrutura simbólica que organiza sua experiência psíquica.

A Cadeia Significante e o Amor

Lacan se debruça em seus ensinamentos nos seminários já citados, acerca da ideia de que o desejo se mantém porque nunca se realiza completamente. Em se tratando de Heloísa, sua escrita é uma tentativa de inscrever Abelardo no simbólico, tornando-o eterno na linguagem. Isso pode ser relacionado à noção lacaniana de que o Real é aquilo que escapa à simbolização absoluta.

Como entender o contexto lacaniano de real, simbólico e imaginário nas Cartas de Heloísa? O Simbólico, se dá quando o amor de Heloísa se inscreve na linguagem, nas cartas que ela escreve. A escrita é um meio de simbolização, de tal forma que permite que o desejo e a falta sejam expressos e organizados dentro da estrutura da linguagem. O amor, que não pode se concretizar plenamente na realidade, encontra um espaço no registro simbólico, perpetuando-se através das palavras. Já o Imaginário, a idealização de Abelardo pelas palavras de Heloísa pode ser vista como um reflexo do registro imaginário. Ela constrói uma imagem dele que transcende a realidade, alimentando-se da fantasia e da memória. Esse amor idealizado não depende da presença física, mas da representação mental que ela mantém. E por fim o Real, quando o sofrimento imposto pela separação e pela violência de Fulberto remete ao registro do Real. O Real, em Lacan, é aquilo que escapa à simbolização, o que não pode ser plenamente traduzido em palavras. A dor da perda, a impossibilidade do amor pleno e a renúncia à vida conjugal são manifestações desse registro, pois representam um limite que não pode ser superado pela linguagem ou pela imaginação. Dessa forma, o amor entre Abelardo e Heloísa pode ser compreendido como um jogo entre esses três registros lacanianos, onde o desejo e a falta se estruturam na escrita, na idealização e na experiência do sofrimento.



Um detalhe fascinante, a título apenas de demonstrar a força dessa história real é, o pós morte, enterrados em túmulos um ao lado do outro, com estátuas em mármore representando-os, como se estivessem deitados numa cama de casal, isto no cemitério Père Lachaise, em Paris. Há uma lenda que diz que, quando Heloísa foi colocada no caixão, os braços de Abelardo se abriram para acolhê-la, como se o amor deles transcendesse a morte. Essa imagem reforça a ideia do fantasmático, da eternidade do amor que nunca se consumou plenamente em vida, mas que permanece como um símbolo de desejo e ausência.

O vínculo amoroso entre Abelardo e Heloísa exemplifica de forma evidente a inviabilidade de uma união plena e o conflito entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Ele se sustenta na falta, na idealização e na impossibilidade de realização concreta. Assim como em Freud e Lacan, vemos que o amor não entrega o que promete, ele persiste justamente porque nunca pode ser plenamente satisfeito.

Comparação com Outros Amores Literários

Se comparar Abelardo e Heloísa com Romeu e Julieta, se observa que, enquanto os amantes fictícios de Verona tentam escapar da falta ao buscar uma fusão absoluta, o casal da vida real é forçado a viver na ausência. O amor deles não se consuma fisicamente, mas se perpetua na escrita e na idealização. Já Werther, em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, sofre porque não consegue ser amado conforme seu próprio ideal, algo que também ocorre com Heloísa, que deseja Abelardo como um amante, mas só pode tê-lo como um correspondente distante.

***Point de Capiton* e o Amor na Literatura**

O conceito de *point de capiton*, introduzido por Lacan no Seminário 3 – As Psicoses, revela-se fundamental para a análise do amor e da falta, pois permite compreender como o significante "amor" se fixa na subjetividade dos personagens e estrutura suas experiências psíquicas (Lacan, 1985, p. 265). Conforme explicita Lacan, *o point de capiton* age como um ponto de fixação, um dispositivo que permite estabilidade ao significado dentro da estrutura da cadeia significante. Sem esse ponto de fixação, o significado permaneceria flutuante,



indefinido, impedindo a constituição de uma identidade simbólica coerente. No contexto do amor, esse conceito lacaniano permite entender como os personagens literários se tornam prisioneiros de uma ideia fixa de amor, que os conduz ao desejo impossível e à perpetuação da falta. O amor, como significante, assume diferentes formas e fixações ao longo das narrativas literárias. Em cada uma dessas histórias, ele se torna um ponto de ancoragem que estrutura a subjetividade dos personagens, impedindo que o desejo se dissipe completamente.

Segundo Lacan, no *Seminário 3, As Psicoses (1955-1956)*, emprega essa metáfora, *point de capiton* para ilustrar como, no interior da cadeia significante, uma sucessão ilimitada de elementos que compõem a linguagem, determinados significantes funcionam como núcleos de fixação ou estabilização do sentido. Na ausência desses pontos, o significado permaneceria instável e indefinido. O ponto de capiton, portanto, atua como um elo que vincula o significante ao significado, evitando que o sentido se disperse indefinidamente.

O amor entre Abelardo e Heloísa é sustentado pela escrita, tornando-se um significante fixo que estrutura a subjetividade de Heloísa. Assim como ocorre com Florentino Ariza em *O Amor nos Tempos do Cólera*, Heloísa transforma Abelardo em um objeto de desejo inacessível, perpetuando seu amor através das palavras. Em *Romeu e Julieta*, o amor entre os amantes é sustentado pela urgência e pela tragédia. A morte do casal reforça a impossibilidade da fusão, tornando o amor um significante fixo, perpetuado na memória e na idealização.

Em *As Mil e Uma Noites*, a personagem Sherazade utiliza a narrativa como um meio de sobrevivência, inscrevendo o desejo na linguagem. O amor, aqui, não é simplesmente um sentimento, mas um significante que se perpetua na palavra, garantindo sua continuidade e evitando a morte. Quando em *Dom Quixote*, o amor idealizado por Dulcineia é um exemplo claro de fixação significante. Dom Quixote não ama uma mulher real, mas sim uma construção simbólica que sustenta sua identidade e sua jornada.

Gatsby concebe Daisy como um símbolo de desejo inalcançável, fundamentado na saudade do passado e na inviabilidade de sua concretização absoluta. Seu amor por ela não é sobre a pessoa real, mas sobre a imagem que ele construiu ao longo dos anos. Tristão e Isolda têm seu amor marcado pela impossibilidade e pela fatalidade. A poção mágica que os une reforça a ideia de que o desejo não é natural, mas sim imposto por um significante externo. E Emma Bovary constrói sua identidade em torno do amor romântico idealizado. Sua busca



incessante por uma paixão arrebatadora reflete a tentativa de fixar um significante absoluto, mas a realidade sempre frustra suas expectativas.

O Amor como Estrutura Simbólica

Em todas essas narrativas aqui lembradas, o amor não é apenas um sentimento, mas um significante estruturante, fixado por um ponto de capiton que impede seu deslizamento indefinido. No entanto, essa fixação também gera sofrimento, pois os personagens se tornam prisioneiros de um desejo que nunca se realiza plenamente.

Tal como destaca Lacan, o ponto de capiton opera como um “nó” na cadeia significante, impedindo que o termo “amor” escorra por sucessivos sentidos e, assim, estabilizando seu lugar na economia psíquica do sujeito. Como o próprio Lacan afirma: “O desejo do homem é o desejo do Outro.” (Lacan, 1985, p. 184). É este mecanismo que faz, por exemplo, com que Emma Bovary insista na busca de uma paixão idealizada, mesmo que todas as suas experiências concretas resultem em frustração e vazio. No caso de Gatsby, a fixação em Daisy ganha ares de obsessão nostálgica, mostrando como o desejo insiste, perpetuando-se mesmo na ausência e no impossível. O amor torna-se, dessa forma, não apenas um afeto, mas a matriz que organiza o desejo, marcando-o com uma falta que nunca será plenamente preenchida.

Além disso, o ponto de capiton não só estabiliza o sentido do amor, como também delimita seus efeitos subjetivos, sendo fator central na constituição da identidade dos personagens. Para Dom Quixote, Dulcineia representa o ideal de cavalaria e pureza feminina por meio do qual ele fundamenta toda a sua aventura e existência simbólica – mesmo que esse ideal seja composto apenas por traços de fantasia e palavra. Do mesmo modo, Heloisa faz de Abelardo não apenas um amante, mas o próprio eixo em torno do qual gira sua subjetividade e sua escrita: ele se torna signo constante da ausência e do desejo, um ponto fixo que resiste ao tempo e à separação, perpetuando-se como memória e como falta nas cartas que trocam.

Portanto, sob a luz da psicanálise, o amor não é vivenciado como plenitude ou fusão, mas como busca interminável e tensão entre presença e ausência, sentido e vazio. Fixado por pontos de capiton e sustentado na estrutura simbólica, o amor se impõe como promessa não realizada, como afirma Lacan: “O amor é dar o que não se tem a alguém que não o quer”³⁵ (1975, p. 65). Por isso, tanto na literatura quanto na experiência psíquica, o amor continua a



marcar a existência humana, pois sua potência reside exatamente naquilo que falta e jamais pode ser plenamente alcançado.

Conclusão

Essa jornada pelas ideias de Freud, Lacan e suas conexões com as histórias da literatura revela uma constante: o amor é marcado pela ausência e pela impossibilidade. Desde Dom Quixote e Dulcineia, onde o amor reside na ilusão e na idealização, até personagens como Gatsby e Daisy, cujo afeto se ancora em um passado irrecuperável, passando ainda por Heathcliff e Catherine, em que o amor é vivenciado como uma extensão do próprio ser, mas permanece inatingível, observa-se que o sentimento amoroso frequentemente não corresponde ao que promete.

Romeu e Julieta diferenciam-se ao buscar uma união imediata, negando a estrutura da falta e, por isso, acabam se entregando à tragédia. Essa urgência de plenitude contrasta com outros amores sustentados pela ausência, como ocorre nas histórias de Tristão e Isolda e de Anna Karenina, em que o amor verdadeiro se perpetua justamente por nunca se concretizar de forma plena, evidenciando a multiplicidade de formas de amar retratadas na literatura.

Nos contos de As Mil e Uma Noites, a fantasia e a idealização alimentam o desejo, sendo a narrativa e a promessa do que nunca se revela completamente os elementos que prolongam e sustentam o afeto. Em Aladim, por exemplo, o amor se associa ao símbolo de ascensão social, mais do que à própria pessoa amada, ressaltando, novamente, a permanência da ausência como fator fundamental.

A história de Abelardo e Heloísa representa um exemplo extremo da impossibilidade da relação amorosa, onde a privação e a impossibilidade permanecem vivas na memória e na escrita, e o vínculo se perpetua além da vida, reforçando a dimensão fantasmática do amor sustentado pela falta.

Por fim, o conceito lacaniano de *point de capiton* se mostra fundamental para compreender como o amor se fixa na subjetividade dos personagens e perdura justamente na ausência. Esse mecanismo impede a diluição do significante "amor", garantindo sua permanência como estrutura simbólica e fixadora do desejo. Nos romances analisados, o amor se revela mais que um sentimento: é um elemento estruturante que encontra seu sentido e permanência exatamente na impossibilidade e na ausência.



Dessa forma, pode-se concluir que, à luz da psicanálise, o amor não se manifesta na completude, mas na falta que impulsiona o desejo. As tramas literárias evidenciam que o amor resiste justamente por nunca se realizar totalmente, ganhando intensidade na ausência, na impossibilidade e na promessa não cumprida. Assim, psicanálise e literatura convergem na constatação de que o amor não é posse definitiva, mas o movimento de permanência do desejo diante do inatingível.

Bibliografia

- BOTELHO, Francisco C. et al. **Revisão bibliográfica**: conceitos e métodos. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, Sigmund. **Para além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- FREUD, Sigmund. **Projeto para uma Psicologia Científica**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 333-443. (Original publicado em 1895).
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro VII**: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. (Original publicado em 1959-1960).
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro XX**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (Original publicado em 1972-1973).
- LENOIR, Yves. **Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino e na pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1998.
- LACAN, Jacques. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. (Original publicado em 1954-1955).
- LACAN, Jacques. **As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. (Original publicado em 1955-1956).
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro III**: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. (Original publicado em 1955-1956).



LACAN, Jacques. **Mais, ainda:** Seminário, livro 20 (1972-1973). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Literatura

AS MIL E UMA NOITES. **As mil e uma noites.** São Paulo: Editora Globo, 2005.

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes.** São Paulo: Martin Claret, 2017.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote.** São Paulo: FTD, 2013.

FITZGERALD, F. Scott. **O Grande Gatsby.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary.** São Paulo: Martin Claret, 2015.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther.** Tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

HESÍODO. **Teogonia:** a origem dos deuses. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **O amor nos tempos do cólera.** Tradução de Antônio Callado. Rio de Janeiro: Record, 2019.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Karenina.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TRISTÃO E ISOLDA. **Tristão e Isolda.** Lisboa: F. Alves, 2002.

História

ABELARDO, Pedro; HELOÍSA, de Argenteuil. **Cartas de Abelardo e Heloísa.** São Paulo: Editora Unesp, 2018.